

Produções em 16mm têm público restrito

Gustavo Galvão
Especial para o **Correio**

Helena Martins Costa/Divulgação

“Por que será que não passa no Cine Brasília?”, pergunta Marcelo Díaz, 22 anos. “Não deve ter projetor 16mm por lá”, arrisca Leonardo Sarmiento, 23. “Não, com certeza o problema não é de projetor”, retruca Marcelo, categórico.

Em frente à entrada principal do Teatro Nacional Cláudio Santoro, os dois travam um diálogo que ganha a adesão de um terceiro universitário: André Nascimento, 26 anos. “Não entendo porque a Mostra 16mm não passa no Cine Brasília. É lá que está todo mundo, e esses filmes foram feitos para serem vistos. Do jeito que está, parece até um porão”, sentencia.

Mas, como acontece todos os anos no Festival de Brasília, os filmes rodados em 16mm ficam de fora da agitação do Cine Brasília, palco da Mostra Competitiva em 35mm. Desse modo, os diretores que levam seus filmes à Sala Alberto Nepomuceno apresentam suas novas propostas cinematográficas para 90, no máximo 100 espectadores. Público restrito, mesmo com a entrada liberada.

André, presença constante na mostra 16mm (assim como os jurados, diretores e parentes dos diretores), ironiza: “Não adianta experimentar se só a família assiste”. Estudantes como ele completam o público formado ainda por aposentados e aqueles que “dão uma escapadinha” no trabalho.

O servidor público aposentado Viriato Ribeiro Caram, 53 anos, confir-



Bola de Foto, da gaúcha Marata Biauaschi, foi um dos filmes que integrou a competição de filmes realizados em 16mm

ma a opinião de André. Compareceu apenas ao terceiro dia, à convite da família do “último bandeirante”, Bernardo Sayão, homenageado naquela tarde. O documentário *Bernardo Sayão — O Caminho das Onças*, mesmo fora de competição, foi responsável pela ocupação de 10% das cadeiras do pequeno auditório de 104 lugares, entre convidados, familiares e integrantes da equipe do filme. “Não estou sequer acompanhando o Festival e nunca assisti a um curta na minha vida”, observa Viriato.

Marlos Brayner, estudante de Letras da UnB, é adepto da “-escapadinha”. Marlos afirma não ter tido condições de prestigiar os dois primeiros dias da mostra, por causa do trabalho. Não resistiu ao terceiro dia e foi conferir os curtas e médias-metragens que fizeram a tarde de quinta-feira.

ESQUECIMENTO

“Normalmente acompanho tudo sobre cinema na cidade, mas nesse horário fica difícil”, lembra, referin-

do-se a um dos principais sintomas do esquecimento que marca a mostra. O horário, entre 15h30 e 17h, é visto por ele como um inibidor. “São poucas as pessoas que podem vir aqui no meio da tarde. A partir de 18h seria bem mais interessante”, conclui Marlos, que saiu do teatro empolgado com *Átimo*, de Romeu di Sessa.

A qualidade técnica de *Átimo* impressionou também a Marcelo e Leonardo. Entre declarações de amor aos filmes 16mm, eles desta-

cam ainda *Manual Cinematográfico dos Seios e Burro-sem-Rabo*, que, segundo eles, estão muito à frente das demais produções.

“O nível não está muito bom. Este ano está cheio de filmes de estudantes. Com certeza valeu pela tentativa”, garante Marcelo, que para se formar no curso de Comunicação da Universidade de Brasília, apresentou o projeto de um curta-metragem de ficção. Por falta de recursos, o projeto desandou. “Não sei se na UnB teríamos condições de fazer um filme melhor que todos esses que têm passado aqui”, resigna-se.

Menos preocupado com a qualidade técnica, o estudante secundarista Carlos Amaro, 18 anos, foi à Sala Alberto Nepomuceno consciente de que assistiria a filmes “muito loucos”. Ou seja, produções experimentais, atraídas pelo evento essencialmente democrático (os filmes 16mm não passam por seleção oficial). Gostou muito de *A Grade*, do jovem diretor paulista Philippe Barcinski. “Venho aqui para sair da rotina, fugir daqueles filmes grandiosos e bem feitos”, explica.

O mesmo aconteceu com Laila Foster, 17 anos. Às portas do primeiro vestibular, ela está decidida a cursar cinema. Por isso, aproveitou o fim das aulas para assistir aos filmes em cartaz. “Queria ver um filme em que eu percebesse o processo de filmagem, como esses feitos em 16mm”, demonstra, revelando sua expectativa em descobrir algo de novo ao longo da mostra, diferente do cinema dos grandes sucessos comerciais.